



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM *A COR DA TERNURA* DE GENI GUIMARÃES

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena

Universidade Estadual da Paraíba / E-mail: rafaela – dayne – bb @hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a construção da identidade negra na obra *A Cor da Ternura* da autora Geni Guimarães, para isso analisaremos o processo de crescimento e de autoafirmação da protagonista Geni, uma menina negra e pobre que sonha em ser professora para realizar o desejo do seu pai de vê-la formada. Tomaremos como aporte teórico os postulados de Guimarães (2002), Castells (2010), Hall (2006), dentre outros, que abordam em seus estudos a temática da construção da identidade.

Palavras – chave: Identidade, Cor, Mulher.

INTRODUÇÃO

A literatura negra possui traços peculiares que a caracterizam, principalmente por se referir à classe minoritária, sendo também o caso da mulher negra. Assim, este tipo de literatura procura na experiência da negrura a força necessária para fazer da linguagem literária o elemento de sua expressão. Nesta perspectiva a literatura negra ocupa o papel fundamental para a desconstrução de estereótipos preconceituosos, que priorizam o lado negativo e submisso dos negros, deixando de exaltar a importância da sua cultura e da sua identidade. Tanto descaso com a cultura dos povos negros proporcionou uma crise de identidade, pois a ótica dos brancos estava invadindo o “eu” dos negros. Desta forma, a visão



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

do dominador precisaria ser desmistificada e só surtiria efeito se tal passo fosse tomado pelos próprios negros. Desde então a literatura negra busca ressaltar os valores deste povo. Segundo Bernd:

Um verdadeiro modo de ser negro, logo, uma real identidade negra, se construirá na medida em que os negros conseguirem curar-se de sua amnésia cultural e tomarem rédeas de seu destino histórico. Este seria o passo adiante através do qual o negro, deserdado recuperaria a sua “essência de homem”, passando a produzir os meios de sua própria História (BERND, 1997, p.42).

Percebemos então, que a construção da identidade de um indivíduo se dá ao longo do tempo, no entanto, suas raízes estão presentes na tradição do seu povo, se tratando da identidade negra esta precisou enfrentar grandes lutas e resistências durante o processo de sua construção. Os negros vistos como subalternos tiveram que enfrentar discriminações e insultos raciais e por muito tempo suas vozes foram silenciadas resultando, em alguns casos, na auto rejeição.

Na narrativa aqui analisada, a personagem Geni passa por esse processo de auto rejeição, ela chega a esfregar a pele com uma mistura de tijolo triturado que sua mãe usava para a limpeza dos utensílios, com o objetivo de tirar o negro da pele depois de se decepcionar com as palavras de sua professora ao afirmar durante a aula que os negros eram escravos trazidos da África, forçados a trabalhar em troca de nada.

Mas com o passar do tempo Geni percebe que é preciso resistir a esse processo de embranquecimento o qual foi imposto ao negro pela sociedade brasileira. Neste sentido, pretendemos analisar esse processo de construção da identidade da personagem Geni, uma menina negra e pobre que consegue alcançar o seu objetivo, ser professora e, ser reconhecida pelo seu potencial e não por sua cor.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

METODOLOGIA

O presente artigo pretende problematizar o processo de construção da identidade negra, através da análise da 12ª edição do livro de literatura infanto-juvenil, *A cor da ternura*, escrito por Geni Guimarães que foi publicado em 1998 pela editora FTD S.A., São Paulo. A obra tem dez capítulos em 93 páginas e, ilustrações de Saritah Barbosa. Trata-se de uma autobiografia da autora que conta como fora sua infância pobre ao lado de seus pais e irmãos em fazendas no interior do estado de São Paulo.

A professora Geni Guimarães nasceu em 08 de setembro de 1947 na fazenda Vilas Boas na cidade de São Manoel e aos cinco anos de idade mudou-se com sua família para outra fazenda em Barra Bonita, também para trabalharem na lavoura de café.

Na adolescência, colaborou com jornais publicando contos poemas e crônicas. Em 1979 foi editado seu primeiro livro de poemas chamado *Terceiro Filho*. Após sua segunda obra publicada em 1981, entrou em contato com a poesia negra, o que a levou, por motivos de identidade, a definir a sua linha de trabalho. Participou de eventos culturais nacionais e internacionais de literatura.

Neste livro a autora relata fatos importantes de sua infância junto à sua família. Ela conta que, quando era menina já um pouco crescida, ainda mamava no peito de sua mãe. Enquanto mamava, trocava carinhos com ela, o leite que alimentava também ajudava a solidificar os laços entre elas. Também fazia muitas perguntas desconcertantes para sua mãe. Certa vez, entre uma brincadeira e outra perguntou se sairia sua tinta se chovesse “água de Deus”. Sua mãe, meio sem jeito, disse-lhe que tinta de gente não saia, mas, se saísse, ela ficaria branca e a mãe continuaria preta. Ali a pequena já estava, de certa forma, tomando consciência da diferença de sua cor.

Não é fácil desenvolver consciência negra nas crianças em uma sociedade profundamente racista, e que inibe a cultura negra com contínuos esforços de branqueamento, enfatizando a influência europeia em detrimento de demais culturas. É importante prestarmos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atenção aos pormenores da educação de crianças e adolescentes para o fortalecimento de sua identidade e reconhecimento de suas raízes. Em crianças negras o esforço é maior do que o aplicado na criação de outras crianças. Há o esforço para a apresentação de simbologias e referências que possibilitem o desenvolvimento saudável de sua autoestima. Todavia, a realidade enfrentada dificulta este caminho, que pode se tornar tortuoso quando não podemos dispor de materiais de apoio como livros, filmes e brinquedos adequados e próximos à imagem daquela criança.

A abordagem de Geni viaja pelas perspectivas de criança, adolescente e adulta, lidando logo cedo com o autoquestionamento sobre a própria posição social e a cor de sua pele. Na narrativa da vida da autora é possível traçar um paralelo com a vida das crianças das periferias brasileiras, que já nascem com obstáculos extras a serem superados, e já crescem fortes, pois são desde cedo expostas à violência física e psicológica causadas pelo racismo, não podendo encontrar outra saída senão enfrentar a vida de provações duplas. Pois, enquanto uma criança branca é mais bem aceita pela sociedade, a criança negra não raramente é vista como perigo.

Segundo Guimarães (2002, p. 43), essa distinção acontece porque,

No Brasil, onde as discriminações raciais (aquelas determinadas pelas noções de raça e cor) são amplamente consideradas, pelo senso comum, como discriminações de classe, o sentido pré-sociológico do termo nunca deixou de ter vigência. Este sentido ancien do termo “classe” pode ser compreendido como pertencendo à ordem das desigualdades de direitos, da distribuição da honra e do prestígio sociais, em sociedades capitalistas e modernas, onde permaneceu razoavelmente intacta uma ordem hierárquica de privilégios, e onde as classes médias não foram capazes de desfazer os privilégios sociais, e de estabelecer os ideários da igualdade e da cidadania.

Percebemos, dessa forma, que o negro ao sofrer discriminação racial passa a ser visto como pertencente a ordem das desigualdades de direitos e de prestígios sociais, cabendo a ele



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

lutar para combater a discriminação e preservar a sua identidade. “Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2010, p. 22).

Essa dupla diferenciação entre o branco e o negro também foi vivenciada por Geni, protagonista da obra *A Cor da Ternura*, uma menina negra que constantemente era discriminada pelos colegas da escola, pelo fato de ser negra, era discriminada principalmente por Flávio o filho do patrão do seu pai.

Todos começaram a me xingar impiedosamente, exigindo que eu me retirasse. Pus-me a chorar desesperadamente. Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina. Tudo bem. [...] Quando eu vou pra escola? – O nome a gente dá agora, mas só entra mesmo no ano que vem. – Quem mais vai entrar? – Toda criança que tem mais ou menos a sua idade. O Toinho, o Flávio, a Ana. Muitas crianças. – E se, no caminho, o Flávio me xingar de negrinha? – Não quero saber de encrenca, pelo amor de Deus! Você pega e faz de conta que não escutou nada. Calei-me. Quem era eu para dizer-lhe que já estava cansada de fazer de conta? (GUIMARÃES, 1998, p. 46-47).

Esses insultos raciais incomodavam Geni, mas como ela mesma afirma eram ofensas diárias, essa estigmatização deixava a menina triste e pensativa, sempre que as outras crianças a insultava a razão para tal fato era a cor de sua pele, o jeito do seu cabelo, numa tentativa de humilhação e exclusão social, que Geni era obrigada a silenciar, pois sua família era empregada do pai do seu principal insultador o menino Flávio. Sobre os insultos raciais Guimarães afirma que:

Os insultos raciais seguem a lógica acima. Como instrumento de humilhação, sua eficácia reside justamente em demarcar o afastamento do insultador em relação ao insultado, remetendo este último para o terreno da pobreza, da anomia social, da sujeira e da animalidade (GUIMARÃES, 2002, p. 173).

A menina começa a perceber mais claramente as discriminações sofridas pelo negro quando passa a frequentar a escola, ainda em casa, enquanto sua mãe a arruma para o primeiro dia de aula e lhe faz várias recomendações de como se comportar e agir na escola,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ela se compara a outra menina, a Janete, que faz tudo o contrário do que a sua mãe estava recomendando e mesmo assim não é discriminada, só porque é branca.

- Amanhã, seu cabelo já estará pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça pra não desmanchar. Não se esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho antes de sair. – Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – Perguntei. – Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela. – Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e... – Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase (GUIMARÃES, 1998, p. 48).

Além de discriminação racial, Geni também sofre discriminação de gênero por ser mulher, ao questionar o pai sobre que profissão a mulher pode ter, ele responde que uma mulher só pode ser costureira ou professora e isso reflete um pensamento patriarcal e preconceituoso que durante muito tempo forçaram as mulheres a viverem condicionadas ao trabalho doméstico, atividade consideravelmente invisível, sem direito ao reconhecimento adequado. A partir do processo de industrialização, entre os séculos XVIII - XIX nas sociedades ocidentais coloca-se em evidência a questão o “trabalho das mulheres”. Começa o questionamento à cerca das atividades que poderiam ser exercidas pelas mulheres, bem como ofícios reconhecidos que lhes trouxessem remuneração. Desde tempos remotos as mulheres, principalmente as mulheres negras, foram camponesas, ligadas a trabalhos rurais. Esse grupo de mulheres eram mais pacíficas como podemos perceber na afirmação de Perrot:

Ora, as camponesas são as mais silenciosas das mulheres. Imersas na hierarquia de sociedades patriarcais, são poucas as que emergem do grupo, pois se fundem com a família, com os trabalhos e os dias de uma vida rural que parece escapar a história, sendo mais objeto das pesquisas dos etnólogos (PERROT, 2008, p. 110).

Com muita dedicação, força de vontade e determinação, a mulher foi conquistando seu espaço ao longo do tempo. É possível percebermos através dos relatos históricos a considerável evolução a que estas se submeteram sempre impulsionadas pelo desejo de conquistar o seu espaço na sociedade, foi assim com Geni que a partir de uma promessa feita ao pai, a de se formar e ser professora, ela começou a perceber que o fato de ser mulher, pobre



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e negra, não eram determinantes e nem capazes de lhe impedir nessa jornada, formada e lecionando para crianças na educação infantil teve que enfrentar mais preconceitos, dessa vez provar que era capaz e que atendia a todas as exigências de sua profissão e, mostrar que a cor de sua pele nada interferia ou contribuía na sua prática pedagógica, passando então a ser aceita pelas crianças brancas.

CONCLUSÃO

A literatura tem nos proporcionado um campo muito amplo de estudos diversos. Neste trabalho nos foi permitido observar o processo de construção da identidade negra da personagem Geni, ainda uma criança. Essa obra nos permitiu explorar vários aspectos relacionados a questões sociais referentes à mulher negra na contemporaneidade, como por exemplo, o trabalho da mulher e, aqui optamos por desenvolver um trabalho voltado para a importância da construção de uma identidade, através da autoaceitação.

Portanto, a conclusão a que chegamos é a de que a autoaceitação e o apoio da mãe, foi o principal fio condutor que levou a personagem Geni a ver a vida com outros olhos e desta forma conseguir mudar radicalmente o rumo da sua sofrida experiência de vida ao se tornar uma profissional realizada e conseguir ser aceita por todos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. *Negritude e Literatura na América Latina*. São Paulo: Mercado Aberto, 1997.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. Ilustrações Saritah Barbosa. 12 ed. São Paulo: FTD, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008